

DAS TAREFAS POR CUMPRIR QUE NOS DEIXOU O BOCA

— Um caso e dois exemplos

Francisco Topa

Tarefas que nos dá o Boca é o título do último capítulo do estudo que Rogério Chociay consagrou a Gregório de Matos¹. Retomando-o aqui, rendemos a nossa homenagem ao autor; modificando-o, chamamos a atenção para uma das tarefas não previstas pelo pesquisador paulista: no caminho para a ansiada edição crítica da obra do poeta baiano, continua a ser uma tarefa não cumprida a investigação sistemática das referências históricas que surgem nos textos que lhe andam atribuídos.

O objectivo imediato de uma tal pesquisa é óbvio: anotar convenientemente os poemas em causa, criando assim melhores condições para uma leitura correcta da obra. A necessidade da tarefa é igualmente óbvia, pois nenhuma das duas grandes edições existentes – a de Afrânio Peixoto² e a de James Amado³ – resolveu satisfatoriamente o problema: a primeira não inclui anotações de espécie alguma; a se-

¹ *Os Metros do Boca: Teoria do verso em Gregório de Matos*, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

² *Obras de Gregorio de Mattos*, 6 vols., Rio de Janeiro, 1929-1933.

³ A primeira edição, em 7 volumes, é de 1969. A segunda, em 2 volumes, saiu em 1990: *Gregório de Matos – Obra Poética*, Rio de Janeiro, Record.

gunda, embora tenha procurado colmatar essa falha, raramente ultrapassa o nível da anotação rápida e superficial, deixando em branco muitas questões.

O segundo objectivo dessa pesquisa é ainda mais óbvio: consiste na recolha de dados que auxiliem na resolução de uma questão central da poesia atribuída a Gregório – a autoria. Por estranho que possa parecer, atendendo ao caudal ensaístico que a obra gregoriana vem originando nas últimas décadas, este é um tema que não temos visto abordado. E, no entanto, trata-se de um trabalho que não requer particular especialização em matéria de estudos históricos e que pode dar um contributo decisivo para a ultrapassagem da eternizada suspeição lançada sobre a obra de Gregório de Matos.

É isso precisamente que tentaremos mostrar, de forma meramente exemplificativa, neste artigo. Lançaremos mão de elementos facultados pelo trabalho que temos em curso, relativo à preparação da nossa dissertação de doutoramento em literatura brasileira, subordinada ao tema «Os problemas autorais e textuais da obra atribuída a Gregório de Matos».

Partiremos da discussão de dois sonetos incluídos na edição de Afrânio Peixoto (AP): «Do ardor estais contra Castela armado» (II, p. 70) e «Lamenta a terra, repete e mais o rio» (VI, p. 103).

De imediato, a observação do rol de fontes testemunhais dos dois textos desperta reservas quanto à possibilidade de o autor ser efectivamente Gregório de Matos. Com efeito, para além do testemunho impresso de Peixoto, ambos são transmitidos por um único códice: o primeiro soneto vem no manuscrito L. 15-2 da Biblioteca Histórica do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro (trata-se daquele a que James Amado chamou «Códice Varnhagen»); o segundo vem no manuscrito do cofre 50.2.3 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (que James Amado designou como «Códice Afrânio Peixoto»).

As suspeitas iniciais da improbabilidade da autoria gregoriana transformam-se em certezas depois da leitura das legendas. Vejamos a do primeiro soneto: «Ao

valor de El-Rei D. Pedro II de Portugal sobre os ameaços de França, a respeito de Castela com Carlos III». Não é difícil perceber que se trata de uma alusão à participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha. Como é sabido, o rei espanhol Carlos II morreu em 1699, não deixando descendentes. Surgiram então como principais pretendentes Filipe, duque de Anjou, e o arquiduque austríaco Carlos. Portugal, que inicialmente aderiu ao bloco francês, acabaria por participar na Grande Aliança contra a França. A intervenção portuguesa decorreu entre 1704 e 1711 e levaria à devastação de parte do Alentejo e da Beira. A leitura do texto confirma a justeza desta interpretação, pelo que o soneto deve ser excluído do cânone gregoriano, dado que contém referências históricas que são muito posteriores à vida de Gregório de Matos (1636-1695).

A situação do segundo soneto é semelhante. A legenda declara que o texto é consagrado «À morte do Capitão de Cavalos António Dultra da Silva, que defendendo a pátria com a espada na mão, acabou a vida». Tivemos dificuldade em encontrar alguma referência a este general de cavalaria, mas acabámos por descobri-la numa nota de Rodolfo Garcia à *História* de Varnhagen⁴. De acordo com ela, este militar morreu em Setembro de 1710, durante os combates contra a expedição naval francesa que atacava o Rio de Janeiro desde 11 de Agosto. Uma vez mais, estamos no plano das consequências do envolvimento de Portugal na Guerra da Sucessão de Espanha. Neste caso, a leitura do poema não confirma com tanta facilidade a alusão ao acontecimento histórico mencionado na legenda. Apesar disso, o último terceto refere com clareza um conflito militar com a França: «Raio sendo da Francesa Monarquia,/ No estrago recebendo o próprio dano,/ Lustre deu à Pátria em que vivia».

⁴ Francisco Adolfo Varnhagen, *História Geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*, tomo III, revisão e notas de Rodolfo Garcia; 8.ª ed., São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, p. 289.

Poderíamos ainda invocar um argumento de outro tipo para desmentir a hipótese da autoria gregoriana dos dois textos: o estilo, que não se aproxima da restante produção que com segurança pertence ao poeta baiano. Isso seria contudo matéria para uma discussão mais larga. Observe-se mesmo assim que o segundo soneto contém vários erros de metrficação, incompatíveis com aquilo que se sabe da técnica versificatória de Gregório de Matos.

Encerraremos esta breve nota com a apresentação de uma proposta de edição crítica dos dois sonetos, a figurar num anexo da edição da obra gregoriana reservado aos poemas excluídos.

Explicando rapidamente o modo de apresentação do texto crítico, importa dizer que ele é precedido da relação das fontes testemunhais que o veiculam. Os testemunhos manuscritos são citados a partir da sigla que identifica a biblioteca⁵ em que se encontram, seguida do número do códice e da página(s) ou fólio(s) correspondentes. A citação dos testemunhos impressos será feita de modo semelhante. Dado que na maior parte dos casos há divergências significativas entre os testemunhos, estes receberão como siglas que os identificarão no aparato letras maiúsculas impressas em itálico. Às versões muito próximas será atribuída a mesma letra, que contudo será seguida de um número individualizador, colocado em posição inferior. Reservaremos sempre o *A* para designar a versão que escolhermos como base. Seguir-se-á a legenda e, logo depois, o soneto. Teremos o cuidado de indicar eventuais omissões e adições: para aquelas usaremos os colchetes e para estas as chaves.

Abaixo, virá o aparato das variantes, que será do tipo negativo e apresentará dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio da palavra *Legenda*. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso. O lema

⁵ Neste texto apenas usamos duas: BI – Biblioteca do Itamarati (Biblioteca Histórica do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro); e BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico.

Depois do aparato das variantes, virá a justificação das eventuais emendas, seguindo-se as notas ao texto. A terminar, virá um breve apontamento sobre a verificação, que contemplará o esquema rimático e a métrica e acentuação.

Vejamos então a nossa proposta de edição, que também permitirá ilustrar alguns outros problemas que a elaboração da edição crítica da obra de Gregório coloca e mostrar as insuficiências – até de leitura – da antologia de Afrânio Peixoto.

Testemunhos manuscritos principais: BI, L.15-2, III, p. 1 = A

Testemunhos impressos: AP, II, p. 70 = A_I

Versão de A

Ao valor de El-Rei D. Pedro II de Portugal sobre os ameaços de França, a respeito de Castela com Carlos III

Do ardor estais contra Castela armado
Dos mais luzidos Troncos Portugueses,
Que esses raios do Sol em seus arneses
Setas fulminam contra Marte irado.

5 Sois, Senhor, de alto Espírito animado,

2. Troncos] Troços A_I

3. arneses] ternezes A_I

Legenda. D. Pedro II, “O Pacífico”, foi o 23.º rei de Portugal e o 2.º da Quarta Dinastia. Tendo vivido entre 1648 e 1706, governou a partir de 1668, inicialmente como regente. A legenda alude à participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha. O rei espanhol Carlos II morreu em 1699, não deixando descendentes. Perfilaram-se então como principais pretendentes Filipe, duque de Anjou e neto de Luís XIV, e o arquiduque austríaco Carlos, neto do imperador Leopoldo. Portugal, que inicialmente aderiu ao bloco francês, acabaria por participar na Grande Aliança contra a França, que incluía a Inglaterra, os Países Baixos e a Áustria. A intervenção portuguesa decorreu entre 1704 e 1711 e levou à devastação de parte do Alentejo e da Beira. O tratado de Utreque, em 1713, pôs termo ao conflito e o grande vencedor foi a Inglaterra.

3. arnês – antiga armadura completa de um guerreiro.

Tanto que nesta Acção {a}inda os Franceses,
Chegando a acometer por duas vezes,
Vosso valor temeram afamado.

10 Louve este Reino a Deus, agradecido
De um Príncipe lhe dar por defensor
De sublimadas prendas guarnecido:

De Justiça, Prudência e de Valor,
Dádiva, enfim, a um Rei que foi nascido
Para do Mundo todo ser Senhor.

6. {a}inda] ainda A A_l

13. a um Rei] a Rei A_l

6. Se não admitíssemos esta aférese, o verso ficaria com 11 sílabas.

6-8. Alusão às campanhas das tropas franco-espanholas, em Maio e Junho de 1704. Invadindo Portugal, conquistaram, na Beira, Salvaterra do Extremo, Segura, Penha-Garcia, Zebreira, Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão, ao passo que, no Alentejo, tomaram Castelo de Vide e Portalegre, e destruíram Santo Aleixo e Aldeia Nova de S. Bento.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas são sáficos os vv. 1 e 4.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.3, p. 277-278 = A

Testemunhos impressos: AP, VI, p. 103 = A_f

Versão de A

À morte do Capitão de Cavalos António Dultra da Silva, que defendendo a pátria com a espada na mão, acabou a vida

Lamenta a terra, repete e mais o rio
Da morte iníqua o rapto violento;
Já despreza a memória o sofrimento,
Que já da Pátria acabou o nobre brio.

5 Aquele Herói, a quem o sangue conduziu
Ser Marte no valor, Fénix no alento,
Cada hora nos aviva o sentimento,
Na saudade que deixou quando caiu.

Este foi o Dultra, que além de humano,

Legenda. Capitão de Cavalos – O mesmo que capitão de ginetes, isto é, general de cavalaria.

António Dultra da Silva – Apenas conseguimos apurar que morreu em Setembro de 1710, durante os combates contra a expedição naval francesa chefiada por Duclerc que atacava o Rio de Janeiro desde 11 de Agosto. A informação é de Rodolfo Garcia (Varnhagen, 1975: 289)

1. Tal como está, o verso apresenta 11 sílabas métricas. Uma correcção possível seria: «Lamenta a terra e mais repete o rio». Note-se que a rima obriga a uma estranha sinérese em *rio* e *brio*.

5. Este verso tem 12 sílabas métricas. Uma correcção possível seria: «Aquele Herói *que* o sangue conduziu».

8. O verso apresenta 11 sílabas.

9. A acentuação deste verso é pouco comum: 5-8-10.

10 Terror de Jove foi na valentia,
No assombro novo César Lusitano.

Raio sendo da Francesa Monarquia,
No estrago recebendo [o] próprio dano,
Lustre deu à Pátria em que vivia.

13. [o] próprio] próprio A

13. Parece tratar-se de um lapsos do copista.

12. Este verso tem 11 sílabas.

14. A acentuação deste verso também é algo irregular: 1-(3)-4-5-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas há muitas irregularidades, como deixámos dito.